# UM APELO ÉTICO DESDE AS ORIGENS

*Alain Mattheeuws (*)*

A origem do ser humano não é um segredo "que desonre" e totalmente enigmático. Está no coração duma luz que não é "transparência pura", mas que a ilumina na sua natureza profunda, que a transcende, a ultrapassa e lhe dá uma dignidade incomparável. Nós não tomamos parte na nossa origem mas somos responsáveis, em humanidade, pela maneira como outros seres humanos vêm à luz. Na origem, a bondade de Deus exprime-se de forma inultrapassável. Esta realidade de gratuidade, bondade, dom, é pouco perceptível na cultura contemporânea. Devemos procurá-la, traduzi-la, interpretá-la para os nossos contemporâneos e particularmente para o povo cristão.

Se é bem verdade que a Escritura não tem palavras de hoje para nomear o embrião humano e os actos humanos que se põem relativamente a ele, a Escritura, na sua letra e no seu espírito, não é muda. As afirmações da Escritura estão "cheias" dum sentido que atravessa o tempo e o espaço e dão conta, com segurança, do desígnio benévolo do Deus Criador e Pai. A teologia moral não é primariamente o estudo das leis a aplicar, mas a descoberta, a partir da Escritura e da Tradição, dum sentido "antropológico" que, em unidade com os outros sentidos espirituais, nos mostra o sentido último dos nossos actos em relação a Deus. Como tomar cuidado do que não tem, ainda, todas as aparências do humano senão unificando a razão e a fé para descobrir o que é o embrião humano e o que ele nos diz de si mesmo unicamente pela sua existência? Somos convidados a olhar a nossa origem com os olhos da fé, para descobrir, pelo usa da memória, da inteligência e da vontade, quanto somos alvo dum apelo ético decisivo.

Como falar do "que é concebido" e achar as palavras e a linguagem adequadas para nos darmos conta da profundidade do seu ser e da amplitude do seu mistério? Como nomear "doutra forma" o zigoto, o pré-embrião, o aglomerado celular, o nó, a "morula", as células embrionárias "totipotentes" ou "multipotentes", o feto, o embrião? Não se pode denominá-lo já de embrião humano? Ou então usar a expressão "criança embrionária"? ou ouvir as mulheres grávidas que falam do seu "bebé" ou algumas pessoas que falam do "filho", do "irmão", do "grande desconhecido"(1) ou "do mais pobre entre os pobres" (Madre Teresa)?

Temos o tempo contado. O nosso propósito não é primariamente apologético: ele visa "nomear" a partir da Revelação o "mistério" da "origem", e particularmente o que como fruto do acto criador, daí surge. Não empregaremos senão dois tipos de linguagem: a, mais ontológica, da criação; depois, a mais teológica, da Escritura e da Tradição para denominar o mistério da nossa origem, da origem de todo o ser humano (2).

## 1. O embrião humano é um "dom de Deus"

É num universo onde a gratuidade do ser é primordial que precisamos reflectir acerca do que somos: "O mundo torna-se ilegível se não for percebido como criação" (3). O aparecimento do ser a partir do nada constata-se, reflecte-se, interpreta-se; não se inventa. O mundo criado é um mundo dado ao homem, a ele confiado como ser com espírito, apto a tirar daí o sentido e inscrevê-lo na história humana e na sua história

pessoal. O infinitamente grande como o infinitamente pequeno pertencem ao Criador que mantém a existência da sua obra. Toda a criatura participa do dom do ser e vive sob o olhar duma "transcendência": "Todos os seres, os que falam e os que não falam, Te proclamam. Todos os seres, os que pensam e os que não pensam, te rendem homenagem. O desejo universal, o gemido universal vão para ti" (4).

De resto, pensar a criação e o acto criador, não é somente situá-lo num dado momento do tempo. Porque no "elan" do ser criado, ele subsiste. O universo criado, está nas mãos do Criador. Tudo o que aí permanece, permanece por Ti; por Ti subsiste o movimento universal. Tu és o fim de todos os seres; Tu és todo o ser, e Tu não és ser de ninguém" (5). A criação e a sua permanência são marcados pelo abandono da criatura à iniciativa e acção do criador. (6) A dinâmica da criação é este acolhimento do dom do ser na sua total gratuidade e na sua superabundância. Nada escapa à acção criadora de Deus, qualquer que seja o nome que se lhe dê. Se o mundo está assim nas nãos de Deus, como pensar que o fruto humano da concepção seja "estranho" à sua acção e ao seu conhecimento? O aparecimento do homem no universo e no seio materno não escapa nem à acção nem à providência divina. Este conhecimento divino do universo, e também de tudo o que aí se passa, estabelece um laço imediato entre todo o embrião humano e o Criador. Este "conhecimento" está inscrito numa aliança pessoal querida por Deus. Os primeiros capítulos do Génesis dão-nos este ensinamento: eles explicitam o que a razão humana pode encontrar acerca do ser das coisas. Deus é criador. Faz uma aliança. Pratica um acto que é gratuito, de puro amor de superabundância.

João Paulo II exprimia esta luz conceptual para as famílias dizendo: "Como afirma o Concílio, o homem é a "única criatura sobre a terra que Deus quis para si mesmo" (GN nº 24) a concepção e a génese do homem não respondem somente às leis da biologia, respondem directamente à vontade criadora de Deus, quer dizer à vontade que concerne à genealogia dos filhos e das filhas das famílias humanas.

*Deus "quis" o homem desde o começo e Deus o "quer" em toda a concepção e nascimento humanos.* Deus "quer o homem como ser semelhante a si, como pessoa. Este homem, todo o homem, é criado por Deus *"para si próprio"* (7). Assim, antes de ser reconhecido pelos outros seres humanos – a sua mãe, os médicos – o ser dom que é o filho concebido é já conhecido por Deus. Deus é o primeiro a conhecer a existência do embrião porque foi Ele que o criou.

2. **O embrião humano é "sempre" um "dom"**

Dissemos que na origem de toda a pessoa humana, há um acto criador: o estabelecimento de relação imediata, amorosa, gratuita entre Deus e o ser humano. A concepção de todo o novo ser humano é o termo duma vontade de amor de Deus, quaisquer que sejam as circunstâncias desta concepção. (8) Para o embrião humano, para além das suas percepções conscientes ou não, e por vezes em contradição com a vontade do homem ou da mulher que o concebem, "ser criado" significa pois ser querido por Deus, remetido à sua singularidade original e concreta, chamado a responder ao "dom" por um "dom". No fundo, o dom revela uma característica particular da existência pessoal ou, melhor, da própria essência do embrião humano. Afirmar que Deus é a fonte última da nossa existência e que Ele é a sua origem mais

profunda, é não somente fazer prova de verdade, mas fortificar o ser humano no que ele é profundamente e para o que vive. “A vida humana é sagrada porque, desde a sua origem, comporta a acção criadora de Deus” (*Donum vitae,* introdução, nº 5)

O ser criado depende do dom que é Deus e resulta do dom do ser, da vida e do amor existente em cada instante. (9) O acto criador de Deus funda e assegura a realidade pessoal do novo ser humano. “Bem certo que o embrião é o fruto dum acto humano, o dum homem e duma mulher que, na concepção dum novo ser, têm o lugar de verdadeiras causas, mas estas “causas segundas” não podem agir senão porque Deus, “a causa primeira” lhes concedeu o agir, sustém o seu acto, e dá o ser ao que eles concebem. Deus não se submete assim à actividade dos homens senão porque quer submeter-se a ela. Assim o decidiu no seu amor. Dando o ser e a vida ao fruto duma concepção humana, Deus não age pois porque o homem assim o quer (…) Supor isso, seria desconhecer a liberdade soberana d Aquele que quer sempre livremente tudo o que faz. Deus quer sempre o embrião que criou” (10) Este acto criador reveste as características dum “dom” que ultrapassa as pessoas humanas (por vezes nos seus “móbeis” complexos e ambíguos) como as circunstâncias da concepção.

Esta segurança tranquila está na lógica da gratuidade da criação, da superabundância do poder de amar, que se dá sem ter em conta o seu retorno. (11) Toda a criança revela uma bondade radical de Deus que oferece à humanidade um rosto nove de si mesma, único, singular… rosto que reflecte a alegria dum Criador que dá o ser humano a si próprio e que lhe permite ser substancialmente um dom em si e para os outros.

### 3. Um “dom” para a humanidade

A criação do filho significa ainda a vontade divina de o oferecer como um dom aos seus pais e a toda a humanidade para sempre. Em cada concepção, não é “nada” que é “oferecido” ao mundo. É todo um mundo cuja inocência não é mais do que um sinal do “dom” singular que é para todos. O património genético, o crescimento programado, a forma humana confirmam a aposta humanitária da sua existência: o embrião humano é confiado aos outros homens. O seu rosto não é espectacular. Permanece muito tempo pouco perceptível aos olhos humanos e o seu pudor resiste a longas observações científicas. No entanto, a simples presença duma criança é uma lembrança do “dom de Deus”. A criança que aparece virá para receber e não para dar? Para dar-se? Que não tenha ainda as capacidades nem se dar conta do amor recebido nem de exercer as suas capacidades pessoais nem de manifestar todas as suas riquezas perante nós, ela não pode apagar o dom que traz consigo pois que ela é um dom. “O processo da concepção e do desenvolvimento no seio materno, do parto, do nascimento, tudo serve para criar como que um espaço apropriado para que a nova criatura possa manifestar-se como um “dom”, pois é o que ela é desde o princípio. Este ser frágil e sem defesa, dependente dos seus pais em tudo e totalmente posta ao seu cuidado, poderia ser doutra forma? O neo-nato dá-se a seus pais pelo simples facto de vir à luz. *A sua existência é já um dom, o primeiro dom do Criador à criatura*”. (12)

Aquele ser do embrião não tem ainda senão um “estatuto”.:ser criado, dado a si mesmo e  aos outros na sua pobreza. Dom que vem do acto criador, oferta ao amor dos homens, mudo, a criança concebida revela, pela sua simples presença, algo do seu mistério: “Sou criada por Deus”. Sou um “dom de Deus” oferecido a reconhecimento (13).

Cada um é chamado a fazer memória dos seus primeiros momentos da existência e a reconhecer o dom da vida sobre o qual não tem qualquer poder: recebido gratuitamente, ninguém pode definir-se proprietário. Eu não posso ser sem confirmar o dom recebido porque este dom define quem “eu” sou (14). Na origem do meu ser, o que eu sou é “inapropriável”; esta alteridade que “eu sou” é o primeiro dom recebido: ele identifica-se com a minha existência. Dado a si próprio, o ser humano é um ser em dívida a si mesmo. Será sempre, porque o é, por “favor”.

O dom que é o ser humano apela a uma atitude de “dom” â sua medida e a um acolhimento incondicional. Dispondo de si, porque dado a si mesmo, o ser “dom” fica assim tornado estruturalmente disponível para o outro, para toda a humanidade, e para Deus também. Porque é um “dom” em acto, está em potência de agir e de se dar livremente “desde os primeiros instantes da sua existência”. Ele é “para o outro”.

## 4. Um “dom” no seu corpo

O embrião humano, como cada um de nós, descobre o que é através da linguagem do seu corpo. Não é o corpo do homem o “símbolo” por excelência, incontornável, para dizer o que ele é e tomar consciência de si?

Este corpo recebido é o gérmen e a garantia de toda a doação de si. É o testemunho de que a nossa vida está fora de nós e ao mesmo tempo em nós, de maneira mais íntima a nós mesmos do que pensamos. O corpo é a condição concreta da existência: o espírito não tem corpo. A liberdade concede-se dando o corpo. O corpo é o lugar onde a liberdade manifesta o dom que é e que recebeu. O que se põe em jogo e as suas significações são portanto éticas. A criança concebida tem um corpo, estando no seu corpo. Ela “faz corpo” com o dom que é, com o seu “ser”. O corpo do embrião humano, é ela. O embrião humano não existe sem o seu corpo, mas torna-se “dom” para o outro no seu corpo. A pessoa não existe nem se faz ela própria sem o seu corpo. Assim a vida no corpo é ela mesma donatária do sentido espiritual da pessoa e dos seus actos.

O embrião concebido tem um corpo: corpo saído dum encontro das gamêtas saídas doutros corpos, corpo enraizado num património genético “que vem de longe”, corpo “em viagem” nas trompas ou fixado na parede uterina, corpo “confiado” a um outro corpo de que recebe calor e alimento, protecção e oxigénio. Este corpo deixa pouco a pouco a sombra para vir à luz do conhecimento científico. Ele torna-se “visível” pela ecografia. O corpo poder ser extraído, produzido, congelado ou reduzido. Ele pode ser avaliado e rejeitado como material cromossómico deficiente, ou melhorado (15), mas o corpo não pode nunca deixar de ser um corpo entre outros. Desde a concepção, trata-se sempre dum corpo singular, único (com características biológicas precisas), a proteger como o duma pessoa. O mistério do corpo “doado” da criança permanece “oculto” na sua origem, desde a concepção. Não é mais do que um puro “visível”. Não pertence somente ao “mundo do ter” e do observável. Ele está aí para sempre por que

foi dado para sempre (16). O “nosso corpo” com os seus cromossomas e os seus genes recebidos dos pais, é em nós o testemunho de que a fonte da nossa vida está fora de nós. Não nos é extrínseca, Pertence ao nosso próprio ser”. (17).

O corpo do embrião humano é corpo confiado desde a origem como sinal e recordação permanente do seu “ser dom”. O corpo do embrião, qualquer que seja o estádio do seu desenvolvimento, deve pois ser observado, reconhecido, entendido, compreendido à luz da sua dignidade pessoal e espiritual. Esta unidade fundamenta a tomada de consciência e o respeito da identidade humana (18). A vida corporal é um “dom” que dispõe para o “dom” da aliança pessoal, para um “sim” pessoal e filial face a Deus. Respeitar o corpo do ser humano, é honrar a promessa da aliança. Esta unidade “substancial” do dom que é o embrião humano é de tal modo fundamental e forte que tocar no corpo do homem, é tocar no homem. O corpo é a pessoa já visível. O corpo guarda e manifesta o ser pessoal. Fala dele e doa-o. Sem a linguagem do corpo, que saberíamos nós do embrião humano e de nos mesmos? A nós compete aprender a gramática e o vocabulário desta linguagem. O embrião humano anuncia e prediz a totalidade interior e exterior que se oferece a nós como uma pessoa na sua inocência e na sua “novidade”. “É por isso que o fruto da geração humana desde o primeiro instante da sua existência, quer dizer a partir da constituição do zigoto, exige o respeito incondicional moralmente devido ao ser humano na sua totalidade corporal e espiritual”. (19)

5. **Um dom do homem e da mulher**

No coração dos debates bioéticos, este ponto merece consideração. A doutrina moral da Igreja é incompreensível sem a articular com a teologia sacramental do casamento, com a relação homem mulher e com o respeito da significação da diferença sexual marcada na beleza do acto conjugal, assente no escrínio do consentimento. Deus une os esposos a Si e ao seu desejo de fazer surgir a “novidade de seres singulares”. Dar a vida é “um gesto divino” a que o homem é chamado a participar. “A alma espiritual de todo o homem é “imediatamente criada” por Deus” (20). Numerosos autores vêem aí, de resto, a fonte última da dignidade intrínseca de todo o ser humano.

Se é bom destacar, como o fizemos, o primado da acção divina, convém ver aí toda a fecundidade ao nível da responsabilidade do homem e da mulher que colaboram intimamente no acto criador. Para acolher a criança que vem, a acção dos pais deve participar dos mesmos traços pessoais do acto criador. A amor conjugal é **extático** no sentido em que a união dos esposos está aberta ao infinito do seu fruto. “O dom recíproco dos esposos não é fiel a si mesmo, senão aceitando desdobrar-se no “dom do dom” que é o filho” (21). O acto conjugal é **uma participação na humanidade do outro**: humaniza os cônjuges e a criança porque é o lugar privilegiado do reconhecimento da sua humanidade comum e da sua filiação divina.”Na sua realidade mais profunda, o amor é essencialmente dom, e o amor conjugal, levando os esposos ao conhecimento recíproco que faz que sejam “uma só carne” não termina aí; torna-os com efeito capazes da maior doação, pela qual se tornam cooperadores de Deus para dar vida a uma outra pessoa humana. Assim os esposos, enquanto que se dão um ao outro, geram para além de si mesmos um ser real, o filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do seu ser pai e mãe” (22)

O acto conjugal não pode ser por procuração ou por pessoa interposta. Ao acto conjugal está ligado um direito inegável e a sua beleza deriva da sua participação no dom criador, participação livre, consciente e alegre. (23). O dom parental deixa surgir o dom que é o filho, e reciprocamente. (24) O acto é uma parábola do amor de Deus. O amor dos esposos é também profecia da vinda à existência do filho. O dom dos esposos pode assim dar a cada ser humano o certeza de que é amado. O acto conjugal qualifica assim o embrião desde a origem. (25) "A origem duma pessoa é na realidade o resultado duma doação. A criança a nascer deverá ser o fruto do amor dos seus pais" (26). O dom carnal dos esposos é imagem do dom criador divino. Do seu duplo dom, nasce um dom novo, penetrado pela gratuidade do ser. Esta dinâmica do dom refere-se ao "nome" d Aquele que dá: nome paternal d O que "gera" desde toda a eternidade. A paternidade divina transparece no desejo dos pais de se darem um ao outro e de dar a vida. Este dom que é o embrião humano, aparece assim, segundo a sua perfeição, através dum acto de amor pessoal que passa pelo corpo dos esposos. Agindo com Deus e em seu nome, os pais tornam visível a lógica do dom consubstancial ao amor de Deus.

## 6. Um "dom" à imagem de Cristo

A bênção inaugural (Gn 1) revela a bondade da procriação e da missão confiada ao homem e à mulher no início dos tempos. A palavra de Deus é portadora duma sabedoria que é um verdadeiro conhecimento, na letra e no espírito, mesmo que "a Bíblia hebraica seja muito discreta sobre a formação do ser humano no seio materno" (27) O paradoxo que encontramos na Escritura é o seguinte: numa real ignorância do "como" da formação e do crescimento do ser humano (para os escritores sagrados da época), impõe-se uma afirmação: a identidade do embrião é reconhecida, o seu laço com Deus é claramente assegurado, o abandono do senhorio que temos sobre a sua origem e a nossa é desvelado (28). A vocação do homem está designada desde o instante da concepção: "Antes de te formar no seio materno, eu te conheci, antes de eu tu saísses do seio, eu te consagrei, como profeta das nações, eu te estabeleci" (Jr 1, 5). Deus encarrega-se do ser humano desde o seio materno. Na descrição poética do embrião humano por Job (Jb 10-12), "os três termos, vida, favor e sopro, são os dons de Deus ao embrião" (29). A sabedoria divina abraça o espaço e o tempo. Penetra pelo interior a humanidade do embrião e conhece-o assim melhor que ele se conhecia nas origens. Este conhecimento divino é animado de poder e de amor. Deus conhece o embrião na unidade que ele é desde as origens. O salmo 139 mostra com clareza quanto "o embrião é já o "eu" e é obra de Deus, que, por consequência, o conhece, ele, pessoalmente, desde a origem do seu ser" (30)

Os comentários dos Padres P. Beauchamp e J.-M. Hennaux explicitam-no com precisão e profundidade: sublinham este conhecimento particular que Deus tem de todos os homens. Este "saber" divino não é abstracto, mas muito concreto: "*Senhor, Tu examinaste-me e conheces-me (1); sabes quando me sento e quando me levanto; à distância conheces os meus pensamentos (2); vês-me quando caminho e quando descanso; estás atento a todos os meus passos (3).* O conhecimento do homem por Deus é completo e verdadeiro, através do espaço e do tempo. Este conhecimento que Deus tem das suas criaturas é frequentemente mascarado, esquecido ou negado na reflexão corrente sobre a identidade do homem e particularmente do embrião humano. A dinâmica do salmo permanece actual: ela ajuda-nos a discernir o verdadeiro

“conhecimento”. “Se eu quero conhecer-me de verdade, é preciso conhecer-me como Deus me conhece. É preciso operar este reverso do conhecimento: conhecer-me à luz de Deus, do seu saber” (31). O homem não se pode esconder de Deus. Nada de trevas e opacidade para Deus, que vê tudo, sabe tudo e tudo penetra, Não há uma prega do ser humano que escape ao olhar de Deus. O homem pressente este conhecimento como “totalitário”, tocando o conjunto de todo o seu ser. Este saber transcende a consciência que o homem tem de si mesmo, e também o carácter enigmático da sua concepção. Ele revela-lhe um mistério de que não tinha conhecimento.

Este estar em presença do mistério coloca-nos perante os versículos decisivos que o Padre Beauchamp denomina “ponto central” ou “ponto de criação”: “*Tu modelaste as entranhas do meu ser e formaste-me no seio de minha mãe. Dou-te graças por tão espantosas maravilhas; admiráveis são as tuas obras. Quando os meus ossos estavam a ser formados, e eu, em segredo, me desenvolvia, tecido nas profundezas da terra, nada disso te era oculto. Os teus olhos viram-me em embrião. Tudo isso estava inscrito no teu livro. Todos os meus dias estavam modelados, ainda antes que um só deles existisse* (salmo 139, 13-16).

“O Salmo 139 termina o seu périplo espacial por uma nova partida no elemento espacial, onde o quase nascido ocupa o centro mais escondido do mundo, na germinação do ser vivo (…). Antes da minha consciência, acha-se o meu corpo; antes do meu corpo, o meu ser embrionário no seio da minha mãe e é aí que Deus me vê. Para o “eu”, que fala neste poema redigido para a primeira pessoa, o centro do corpo pré-natal é ao mesmo tempo o centro da terra e o da presença divina (*quando eu era modelado no segredo, modelado nas entranhas da terra*)” (32)

Como se reconhecer como uma “maravilha” (v. 14) e como outro homem também, senão graças ao Criador, no meio de resistências interiores e acontecimentos históricos que por vezes parecem contradizer esta afirmação? Como compreender que este “conhecimento” é um dom particular para o salmista e para nós? Um combate espiritual é assim posto em evidência: concerne a todo o homem, na sua razão e no seu coração. Mas a afirmação deste conhecimento e desta ligação imediata a Deus é decisiva para a existência e a dignidade de todo o homem. ”Sou pois conhecido de Deus até ao meu mais longínquo passado; antes de ser consciente, antes de existir para mim, antes mesmo de existir para minha mãe, eu existia já para Deus. Deus conhecia-me. E isso porque me criou. Nestes versículos, a presença divina aparece claramente como a presença criadora. Pois que Ele criou tudo, Deus conhece tudo. Assim o embrião é, de sempre, já conhecido por Deus. Por mais longe que remonte ao meu passado, o salmista descobre-se criado por Deus, querido por Deus. Nada de “terra de ninguém” onde teria sido simplesmente fruto da Natureza, da Terra ou dos seus pais” (33).

Acção de graças e oração por uma existência religada a Deus desde as origens. Em aliança depois das origens, “suspensa depois” (34) O salmista – e com ele o homem moderno – é conduzido a louvar a Deus por este momento em que o ser humano não existia senão para Deus, para o seu Amor que se revela primeiro. Esta tomada de consciência do dom sempre oferecido desde a origem, imprime no homem o apelo a responder a tanta gratuidade: a dinâmica ética está comprometida desde a origem.

Nós estamos metidos numa encruzilhada decisiva da moral fundamental. Face ao dom original, todo o homem se vê em dívida do dom que é a vida recebida. O atraso da liberdade humana sobre a sua criação é o "sinal indelével" do "avanço" (inultrapassável) de Deus sobre ela. (35)

Estamos em obrigação desde a nossa origem, em "dívida de ser" pelo dom originário que somos. A percepção do nosso ser criado em face do Criador evidencia bem o débito perante um rosto. É face ao seu Criador e Pai que a criatura se experimenta em dívida irredutível e incapaz de "saldar". Esta incapacidade estimula-a no seu caminho da " restituição" e do consentimento. A percepção alegre do rosto pessoal do seu Criador, através da memória orante do salmo, encoraja a voltar a Ele pelo dom de nós mesmos a Ele e aos outros. Deus ama o embrião que nós fomos, que todo o homem foi. Ama o embrião que permanecemos como pessoa sempre chamada a crer no amor. (36)

É-nos mais fácil interpretar assim o fruto do encontro com Deus e a fecundidade para todo o homem como um retorno à origem do seu ser e da sua aposta no futuro. ."O encontro do Senhor conduz à memória do primeiro momento da existência. Este primeiro momento é sinal da prioridade absoluta de Deus e requer uma assumpção livre e amorosa de si – por Deus – na acção de graças. A experiência *actual* da minha criação, porque ela é criação pelo Eterno, leva-me a comungar no Acto criador de Deus *desde a minha concepção*. É o que o salmista celebrou. A prece implica o retorno ao começo, à concepção, ao "ponto de criação". Assim não é somente a razão filosófica que nos indica este caminho da memória. Com toda a tradição bíblica, o Salmo está atento à revelação de Deus na história, à presença do Eterno no tempo" (37).

Na oração e no acto de reflexão sobre o seu ser criado, todo o homem, - como o salmista – é chamado a conhecer-se a partir d Aquele que lhe deu o ser. O que está em jogo desde a origem é um melhor conhecimento do mistério pessoal de todo o homem e da riqueza do conceito de humanidade. "Em si como criado, como termo a acção donatária divina do ser, o embrião é um símbolo. Quem senão Deus pode ter feito surgir uma nova vida no ventre da mãe, das profundezas da terra? Com toda a evidência, a aparição dum novo ser humano ultrapassa o poder dum homem e duma mulher. O que poderia melhor falar da passagem do não ser à existência, o que poderia melhor exprimir a acção propriamente criadora de Deus, do que o começo puro, a concepção, o primeiro instante da existência? Reconhecer o Criador, não é reconhecer a sua prioridade absoluta? A sua acção absolutamente primária no momento em que a criatura é incapaz de qualquer acção própria e está somente em vias de aceder à existência? Neste primeiro instante – e nestes primeiros momentos – só brilha o "trabalho" divino. Reconhecer-se e aceitar-se como criado são actos inseparáveis dum retomar o primeiro instante da existência, duma assumpção da própria concepção". (38).

Desta maneira é-nos sugerido o reconhecimento da trama do mundo. A obra de deus é doação. O gesto que nos faz advir no ser é da mesma natureza. O acto de acolhimento do ser humano como embrião, será do mesmo sabor. Este reconhecimento compromete-nos sempre na história. Assim como a percepção antropológica da "dívida" que nós somos é o fundamento do dinamismo ético, o

conhecimento do rosto do Doador, leva-nos a agir “como Ele”. Trata-se de viver em Aliança, como um filho com o seu pai (39). A pessoa de Cristo, a sua incarnação, explicita aos olhos dos homens o mistério de filiação e da adopção divinas. A questão a pôr não será: não somos todos filhos à imagem deste filho? “Revelando Deus ao homem, o Verbo incarnado revela também o homem a si mesmo”. (40).

A concepção de Jesus no seio da Virgem Maria não é criação duma nova pessoa. A humanidade de Cristo pertence ao Verbo feito carne. A concepção virginal de Cristo, Deus feito homem, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, pertence ao dom do Pai à humanidade que o recebe no Sim de Maria. Deus é oferecido no Seu Filho, entregue por nós desde a sua concepção. Este mistério do dom não passa despercebido no encontro de Maria com Isabel nem na agitação do precursor no seu seio (Lc 1, 44). Mas o Dom que transfigura a história da humanidade é no início silencioso e interior. O menino concebido e oferecido entra na paciência dum crescimento humano. Só se torna visível no seu nascimento nos braços de Maria, envolvido em panos e deitado numa manjedoura (Lc 2, 7). Sabemos pouco da gravidez de Maria. O que sabemos, é que o nosso Deus quis crescer como todas as crianças do mundo. É a lógica da sua vida: entregou-se aos homens. (41).

Como interpretar este movimento “kénotico” senão por uma vontade divina de reunir a humanidade e de a transfigurar? O Dom do Filho aos homens e para eles é vulnerabilidade e fragilidade. Para salvar a humanidade, Deus assume-a em Cristo, que se torna homem, semelhante aos outros homens, excepto no pecado. O dom dum filho a Maria e a José, e depois a toda a humanidade, é uma parábola da lógica trinitária do dom e da comunhão. Reconhecer a divindade de Cristo na vulnerabilidade e no silencio da infância ajuda a reconhecer a dignidade do ser humano em todos os estádios do seu desenvolvimento. O filho é um sacramento da vulnerabilidade de Deus. A infância de Cristo é uma parábola que reenvia para uma similitude do Dom de Deus para a eternidade. “Este Filho foi-nos dado para que o rosto de Deus, reconhecível no rosto duma criança, ilumine também o nosso próprio rosto” (42).

O Menino Deus é dado a todos os homens porque o Filho entrega-se a todos eles para a sua salvação. É o filho da Promessa feita a Israel: “Eis que a Virgem concebeu” (Is 7, 4).É recebido onde foi esperado com humildade. É reconhecido onde é amado.

Todo o dom, mesmo esperado e acolhido surpreende a expectativa dos homens. Em Cristo, ultrapassa toda a esperança. Em toda a criança, abre as portas ao mistério duma alteridade oferecida na sua riqueza toda nova. O mundo recomeça com o nascimento de cada criança. “Cada criança que nasce traz em si a esperança de que Deus se interessa pelo homem” (R. Tagore). Como esta palavra é verdadeira, aplicada a Cristo! Se o Pai de toda a paternidade confia e oferece à humanidade o seu próprio Filho, aí se encontra a esperança no homem!

O movimento da razão e do coração em face do Deus Menino é paradigmático. Faz compreender as condições do reconhecimento e do acolhimento do embrião humano como “irmão em humanidade”. O abaixamento do Verbo no corpo e o rosto duma criança dizem-nos algo do “poder” de Deus. Inicia-nos também no mistério do homem, criado à imagem deste Filho. Esta contemplação de Cristo esclarece a recreação do

homem com Deus em Cristo. Todo o homem deve ser “estar com o filho” (43), ser feito “dom com o Dom” para ser “filho do mesmo Pai”.

O desígnio de Deus sobre cada filho dos homens está abrangido pelo olhar que Ele tem sobre o seu Filho no seio de Maria, no seu nascimento, durante o seu crescimento e na sua idade adulta. Nós somos “criados em Cristo” (Col 1, 16). Todo o ser é amado pelo Pai no Seu Filho Único Jesus e destinado a tornar-se filho no Filho. Em todo o embrião humano, Deus vê o seu Filho. Quanto a nós, contemplando Jesus, o Bem Amado, desposamos este olhar divino. “Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que no alto do Céu nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo, antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor” (Ef 1, 3-4). Este olhar interior no acto de fé é animado pelo amor e culmina na esperança que temos em todas as situações humanas.

Assim, em Cristo, todo o homem é chamado desde a sua concepção a ser um “filho adoptivo” e a dizer as mesmas palavras que Jesus dirigia a Deus, seu Pai: “Abba, Pai”. Esta familiaridade e esta intimidade da criatura com o Criador é graça. Cada um de nós pode reconhecer-se filho do mesmo Pai e entrar assim no mistério duma filiação comum. É, aliás, o que se põe em jogo no respeito absoluto pela dignidade de todo o ser humano. Deus, fazendo aliança, decidiu ser Pai de todos os homens.

Esta paternidade divina está particularmente inscrita na história do povo eleito. Ela revela-se como tal pelo seu apelo, a sua palavra de eleição. Toda a paternidade humana à sua imagem, é mais reconhecimento do filho pela palavra do que por um teste cromossómico. A paternidade divina diz-nos quem somos. Está voltada para o passado (o pai está sempre “antes” do filho), mas liberta-nos no presente da nossa história para nos orientar em direcção ao futuro. A definição do ser paternal de Deus é fundamental para recapitular todos os momentos da nossa história. Falar dum Deus Pai e duma adopção de todo o embrião em Cristo, não é somente reconhecer que vimos d Ele, mas também afirmar que vamos para Ele. Esta visão da paternidade e da filiação abre um horizonte eterno a todo o ser humano: um horizonte onde ele é esperado e espera. O Pai não está ausente, retirado na sua transcendência; é aquele cujos braços e coração nos esperam.

No embrião humano que é criado, Deus exprime-se como criador e pai. È o senhor dos tempos: é Eterno. Ele vê já o homem livre, dado a si mesmo, capaz de reconhecer um dia o dom da vida que lhe foi feito. Vê em todo o embrião humano o que o amará um dia, o que responderá ao seu amor. A criação é aliança paterna entre Deus e cada uma das suas criaturas. Esta aliança revela-se historicamente na pessoa de Cristo, o Filho Único do Pai. È o próprio Cristo que nos permite entrar na sua condição de Filho: nós somos criados “em Cristo”. Na criação, Deus Pai destina-nos a tornarmo-nos filhos no Filho, participantes da nova e eterna aliança que concluiu no seu Filho com toda a humanidade. *Em todo o embrião humano, Deus vê a imagem de seu Filho.* A afirmação está cheia de sentido. Todo o embrião humano que surge na existência participa na eternidade do desígnio criador e salvador de Deus (Ef 1, 3-4). Para além das circunstâncias e dos acontecimentos que condicionam ou explicam a nossa vinda ao mundo, Deus é a nossa origem e o nosso fim, porque Criador e Pai.

## 7. O ser embrionário é um caminho ético para a humanidade

Esta atitude de reconhecimento será feita por razão e coração: ela supõe uma reflexão sobre a natureza do embrião humano e um acolhimento da sua pessoa. A reflexão reconduz-nos à nossa própria origem e ao mistério da nossa dependência. (44)

Nós não fomos testemunhas da nossa concepção e não "quisemos" vir à existência. A memória desta "mancha cega" ilumina-se na luz divina, pelo poder do Pai que nos chamou a ser. A sombra dos corpos – a procriação natural enrola-se no interior dum segredo carnal e da obscuridade dos corpos – preside à concepção. Ela é símbolo não dum "tabu", mas dum amor que recebe humildemente de comunicar a vida recebida. O homem e a mulher agem para que se estabeleça o mistério da aliança entre Deus e cada nova criatura para sempre. A alma humana não é dada pelos pais (45): é-lhe confiada. (46)

A humanidade de cada um de nós não se reduz às aparências e aos sinais que dela damos. (47). Certo que os fenómenos nos ajudam a identificar o humano, ajudam-nos a crescer, a descobrir nele a vocação. É nossa tarefa descobri-los. Mas para ser capaz de descobrir os sinais do humano, a técnica ou a ciência não bastam (o electroencefalograma, a ecografia, por exemplo). O reconhecimento de outrem passa por um livre acolhimento do que nós somos: um dom uns para os outros. O reconhecimento do outro passa pelo amor (48). Sem a vontade de amar e de se dar, o homem não pode reconhecer o homem. Quanto mais as aparências do humano parecem obscuras, mais nos será preciso amar, crer e esperar da dignidade escondida de um ser. O que a razão nos sugere, o amor permite-nos vê-lo.

"Podemos sempre duvidar dum ser, se não nos decidimos a tirar de nós mesmos uma força de acréscimo, um dom gratuito, um consentimento que recobre o abismo do seu mistério. Ora isso cumpre-se espontaneamente em nós desde que acreditemos na palavra dum outro, sempre, e em plena luz. É porém um "rendez-vous" na noite, cada um iluminado somente pela sua luz interior, e pelo convite de um outro" (49).

O embrião humano, como todo o ser humano, é mais do que a aparência que dá de si mesmo. O que ele é em acto, não está ainda manifestado nem exercido em toda a sua potência: um dom em si. Por outro lado, a aparência fala do novo ser humano. Os "sentidos" são cegos sobre a sua identidade. Deve ser franqueada uma barreira pelo amor, para que a razão reconheça o ser-dom em acto, antes que possa exercer toda a sua "potência humana".

"O ser humano é já e sempre pessoa em si mesmo e para Deus: tem simplesmente de ser reconhecido como tal por outrem e primeiro pelos seus pais. O outro humaniza o que já é humano" (50). Porque o seu ser depende directamente de Deus, temos de recebê-lo como uma criatura, à sua imagem. (51). O acolhimento do dom que é o filho "assina" moralmente a relação do homem com o homem, mas também a relação do homem com Deus. "Em verdade vos digo, o que fizerdes a cada um destes pequeninos, é a mim que o fazeis" (Mt 25, 40) .

O dom apela ao reconhecimento à sua medida (52). Recusar considerar a pessoa como um dom, é feri-la gravemente, é esconder a sua beleza. É também arriscar a

sua perda. Toda a negação do dom que é o filho ou do dom de seus pais um ao outro, é grave obstáculo à superabundância da vida e à sua partilha. (53).

Concluo: “Para o cristão, o embrião humano é criado por Deus, é o aparecimento duma vontade de Deus. Nestas circunstâncias, deve ser respeitado em absoluto. É também alguém por quem Cristo morreu, alguém que tem um valor absoluto olhando para a Cruz. Na fé, o embrião não é considerado isoladamente. Está ligado a Deus, o seu Fundamento, que o põe no mundo, que o cria, que o doa, que o salva. Está também ligado ao acto procriador dum homem e duma mulher, acto que deve ser tomado em consideração e respeitado no seu fruto. A Igreja proclama o valor infinito de todo o homem, aí compreendido o mais pequeno, o mais fraco” (54).

Na instrução *Domum vitae*, oferecida a todo o homem de boa vontade, o critério reflexivo dada para avaliar diferentes situações bioéticas novas, é este: “O ser humano deve ser respeitado – como uma pessoa – desde o primeiro instante da sua existência” (55)-

O que anteriormente desenvolvemos explicita e parece-nos fundamentar teologicamente esta marca ética, este “halakhah” católico tão preciso e determinado.

(*) Jesuíta. Doutor em Teologia do Instituto Católico de Toulouse, da Faculdade de Notre Dame de Paris. Professor ordinário de Teologia Moral e Sacramental na Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus em Bruxelas.

## Notas

(1) Citado por G. NOIA (Professor de medicina Pré-natal na Universidade “Sacro Cuore, Roma) no livro de A. SERRA, *L uomo-embrione. Il grande misonosciuto,* Seena, Cantagalli, 2003

(2) Esta exposição inspira-se e fundamenta-se nas investigações neste domínioi e expressas no livro *S aimer pour se donner. Le sacrement de mariage,* Bruxelles, Lessius, 2004. Consideramos aí o fim, o bem e o dom do casamento que são a procriação e a educação os filhos.

(3) J.-L. BRUGUES, *La fecundation artificielle au crible de l ethique chreétienne,* Paris, Communio/Fayard, 1989, p. 91

(4) “O toi l au-delà”: Oração atribuída a Grégoire de Nazianze.

(5) *Ibid.*

(6) “ Não se pode desconhecer, porém, que se há criação, só pode ser por participação, de forma que esta propriedade da criança que é a permanência no ser só pode ser recebida, como o próprio ser: recebida continuamente do que lhe deu o ser criando-a; recebida por uma outra acção, mas que continua o dom: a acção conservadora” (J.-H NICOLAS, “Etre crée” p. 629. E precisa ainda: “Como o devir da criança não pode continuar se cessa a acção que produz este devir (se por exemplo a flor da árvore é paralisada no seu desenvolvimento pelo gelo), da mesma forma o ser da criança não pode continua, se acaba a acção do agente que é a sua causa não somente segundo o seu devir mas segundo o seu ser (S. Tomás de Aquino , I, q, 104) Este agente é o criador, mesmo no caso em que dá o ser por intermédio de causas segundas, por uma acção criadora, pressupondo contudo uma acção criadora anterior” (J.-H. NICOLAS, “Etre crée” na *Revue Thomiste* XCII (1992) p. 630.

(7) JOÃO PAULO ii, *Carta às* Familias, 1994.

(8) "Quero dizer que o homem é um absoluto nascido dum absoluto, uma liberdade escolhida por uma liberdade, um cume de existência gerado por uma outra existência que acedeu ao seu cume. Eis o que faz os níveis da paternidade. O homem pode gerar organicamente, enquanto que homem. Pode gerar por ele próprio, mas isso não é uma paternidade. A criança pode nascer por acidente, e a sua existência é sem razão, absurda. Pode nascer duma liberdade ou duma tentativa de liberdade: somente neste momento a paternidade começa a ser humana. E a filiação a torna assim" (R. HABACHI, *Começos da criatura,* Paris, Centurion, 1965, p. 141.

(9) "(A vida) é ela um dom porque surge dum amor, o amor criador. E por isso também, ela deve surgir do amor. Deus, que é amor e vida, ligou indissoluvelmente no homem o amor e a vida" (J. – M. HENNAUX, "A instrução *Donum vitae*, em *Vida consagrada (1987). 179*

(10) J.-M. HENNAUX, "O embrião é uma criatura de Deus", *Vida consagrada,* n. 2 (1989) 111-112

(11) "A soberania de Deus sobre a sua criatura é sem limites, mas funda-se sobre o dom generoso do ser e orientada para o bem da criatura: Esta só pode esperar benefícios" (J.-H. NICOLAS, "Ser criado…, 613.

(12) João Paulo II, *Carta às famílias,* Paris, 1994, n.11

(13) "Na raiz da minha existência está o inapropriável, que me permite existir realmente; no coração íntimo o meu ser real que remete a Deus que me deu a vida, aberta ao mundo, a outrem e a si mesma. É pois questão de Deus; e questão da existência como tal: a existência como abertura, confiança, recepção, desapego; a existência como experiência duma perda aparente e duma entrada no estranho que se pode revelar no segredo dum suplemento. Este suplemento está suspenso em Deus, inscreve-me num gesto de oferenda, em excesso, um gesto que me ultrapassa e onde eu vou encontrar-me para além do eu posso saber e conhecer" (P. GISEL, *Corpo e espírito. Os mistérios da incarnação e da ressurreição,* Geneva, "Labor et Fides", 1992, p. 39-40.

(14) A alteridade (mais do que a diferença), (…) é o primeiro dos dons que Deus acha fazer-nos. Acrescentemos que este dom apresenta esta singularidade excepcional, que o seu beneficiário, se este termo pode ser empregado, não está aí para o receber, pois que, nesta doação (criação), o doador (criador) constitui o donatário (o homem como criatura) enquanto que donatário; o dom, se se pode dizer de forma paradoxal, identifica-se com o que o recebe. Na linha do pensamento Levinassiano , a expressão de criação *ex nihilo* conota ao mesmo tempo a passividade radical da criatura (o que acabamos de exprimir em outros termos) e a sua positividade de criatura autónoma: nesta passividade, escreve Silvano Petrosino a propósito de Lévinas, a criatura é criada, é tornada autónoma, é ela mesma; eis a maravilha que anuncia a ideia de criação: no movimento passivo do ser-feito, gera-se a novidade e a energia da novidade que é feita" (*D un livre à l autre. Totalité et infini – autrement qu etre,* em Emmanuel Lévinas, Cahiers de la Nuit surveillée, Lagrasse, Verdier, 1984, p. 207). A dimensão ética desta maneira de compreender a criação é evidente (R. SIMON, *Ethique de la responsabilité,* Paris, Cerf, 1993, p. 235-236.

(15) É o perigo do eugenismo doce e liberal do DPI, denunciado por J. TESTART, *Le desir du gene,* Paris, F. Bourin, 1992, p. 187-557.

(16) " As luzes que a ciência nos dá sobre as primeiras etapas da cada indivíduo não podem suprimir o amor de que Deus o investe. Nem se pode negar o espírito porque não se vê a olho nú, ele é doutra ordem, não se pode contestar o amor criador de Deus em nome de processos biológicos postos em jogo para que o homem apareça. O amor de Deus de que nos fala a Bíblia, tem por objecto este homem que a ciência nos descreve; não é um processo fisicamente agradável. Atinge-se este amor por um outro caminho, aberto pela Palavra e a Revelação". (G. MARTELET, *2000 ans d accueil à l avie,* Paris, Centurion, 1973, p. 32).

(17) J.-M. HENNAUX, "A instiuição *Donum vitae",* em *Vida consagrada* (1987) 175.

(18) "Cada pessoa humana, na sua singularidade absolutamente única, não é somente constituída pelo seu espírito, mas também pelo seu corpo. Assim, no corpo e pelo corpo, toca-se a pessoa humana na sua realidade concreta. Respeitar a dignidade do homem leva por conseguinte a salvaguardar esta identidade do homem *corpore et anima unus"* (JOÂO PAULO II, "Discurso aos participantes na 35ª Assembleia Geral da Associação Médica Mundial, 29 de Outubro de 1983" .

(19) CPNGREGATION POUR LA DOCTRINE DE LA FOI, *Donum Vitae,* I.

(20) Cf. PIO XII, *Humani Generis., AAS 42 (1950) 575; PAULO VI, Profissão solene de fé, 30 Junho 1969*

(21) J._M. HENNAUX, "Questions de bioéthique", em NRT 109 (1987), 97.

(22) FC nº 14.

(23) " A tradição cristã tem sempre apresentado o acto conjugal e o papel dos esposos sob a forma duma colaboração livre na obra criadora de Deus. Eles são cooperadores, colaboradores, ministros do desígnio de Deus. Nós não somos os senhores das fontes da vida humana, mas antes ministros do desígnio estabelecido pelo Criador (*HV* , nº 13). O papel dos pais é descrito com as seguintes palavras: procriadores (da proposição *pró* que significa "para", em lugar de, em favor de, em lugar tendo em conta) ou co-criadores (da proposição *cum* que significa com)" (A. MATTHEEUWS, ""L homme et la femme: ensemble en Dieu", em *Carmel n.* 67 (1993/1) 27.

(24) " *Os filhos* gerados *deveriam* – define-se aí – *consolidar esta aliança,* enriquecendo e aprofundando a comunhão conjugal do Pai e da mãe" JOÃO PAULO II, *Carta às famílias,N. 7.*

(25) "As premissas de cada um e de cada uma de nós enriquecem-se no belo gesto conjugal que põe os nossos pais um frente ao outro: acto pessoal de amor, momento da grande atracção dos homens para com as mulheres, e reciprocamente. Este começo situa-se num instante do tempo e num ponto do espaço onde

*ainda não somos*. Passa-se sem nós mas põe já em acção elementos que contém potencialmente o "nosso devir" (M. AUMUNT, *L aventure hommes-femmes à la croisée dês chemins,* Paris, 1992, p. 26.

(26) *DV* II B nº 4 p. 28.

(27) "Da mesma forma que ignoras o caminho do sopro (da vida), como os ossos no seio duma mulher grávida, assim ignoras a obra de Deus". Ver o estudo muito sugestivo da M. GILBERT, "A procriação. O que dela se sabe no Livro da Sabedoria", em NRT 111 (1989) 824-841

(28) "Esta mesma ideia de que o Senhor se encarrega do ser humano desde o seio materno aparece várias vezes, sob forma de imagem, no deutero-Isaias; foi o Senhor que, desde o seio materno, formou Israel, seu servo (Is 44, 2.24), d ele se encarregou (Is 46, 3), o chamou (Is 49, 1) utilisado por Paulo em Gálatas 1, 15 (…) Todos estes textos consideram o embrião humano como pessoa humana", diz M. GILBERT, p. 815.

(29) *Ibid., **p. 826.***

(30) *Ibid.* P. 827

(31) J.-M. HENNAUX, *Le droit de l homme à l a vie…* pag. 169

(32) Citado por J.-M. HENNAUX, *Le droit de l homme à l avie…, p. 171-172*

(33) *Ibid.,* P. 171-172.

(34) *Ibid.* P. 172

(35) J.-M. HENNAUX, *Le droit de l homme à l avie…* p. 172

(36) " Deus não somente o " criador do mundo".É o *meu* criador. Na experiencia existencial da minha criação, experimento de verdade que Ele é o Criador de tudo. O movimento para Deus é movimento para a Fonte do Ser, para a Origem, e este movimento é inseparável dum retorno a si, Encontrar Deus, é encontrar a fonte do seu ser, e reconhecer-se saído de Deus. O retorno a Deus é acesso a si mesmo, ao verdadeiro eu. É numa única aliança que se efectua este duplo e único trabalho. Conhecer-se de verdade, é conhecer-se à luz de Deus e não a partir de si" (J.-M. HENNAUX, *Le droit de l homme à l avie…,* p. 173).

(37) *Ibid.,* p. 175.

(38) J. – M.HENNAUX, *Le droit de l homme à l a vie*…p. 180-181

(39) O compromisso do salmista com Deus, leva-o a desejar até a morte dos ímpios (v. 19 a 22). Ele vê nos inimigos de Deus, seus inimigos pessoais. Que os pecadores desapareçam da terra; os ímpios que jamais existam! Não ficamos surpreendidos por isso e compreendemos este grito como um desejo radical de tudo dar e remeter a Deus.

(40) GS n. 22

(41) "Os que reprovam aos evangelhos (de infância) não terem visto quanto, excepto algumas *fioretti* elas mesmas submetidas a regras estritas, eram homogéneas com a pregação de Cristo adulto e combatiam com Ele – antes dele – falsas grandezas, riquezas, vaidades, poderes, velhos cultos de deuses fortes. A criança pode ainda não falar, mas o seu corpo fala. Infância, graça e fragilidade. Submissão obscura, lição de "kénose". Quando, pela primeira vez, Jesus exprime o seu pensamento em relação a ele, será para evocar os sofrimentos do profeta e a misteriosa eleição dos mais rejeitados" (Lc 4, 24-28). (F. QUÉRE), *Jesus Enfant,* Paris, Desclée/Bégédis, 1992, p. 36.

(42) J.-M. LUSTIGER, *Petites paroles de nuit de Noel*, Paris, de Fallois, 1992, p. 21.~

(43) *Recit du Pelerin* n. 96. Na autobiografia de Santo Inácio de Loyola, esta expressão recorda uma graça particular de se pôr ao serviço de Cristo. Esta graça foi-lhe concedida no que se chama comummente "A visão da Storta".

(44) "Porque enfim, se em determinado momento era importante que fôssemos testemunhas, foi bem no do nosso nascimento. Ora a nossa vida começou com o nosso desconhecimento, com a nossa ausência. Pode-se em verdade aceitar sem discussão que este acontecimento nos escapa enquanto que éramos os mais indispensáveis? Mesmo que o soubéssemos, há aí algo de violento, um rapto injustificado, uma tal contracção – porque então em verdade fomos constrangidos – que isso me parece difícil de considerar numa explicação. A mim, isso escandaliza-me". R. HABACHI, *Commencements de la créature,* Paris, Centurion, 1965, p. 132.

(45) Não queremos entrar no debate da animação mediata ou imediata. Queremos simplesmente afirmar um primado ontológico da acção divina. Este "primado" deveria "fazer pensar" aos que estão na problemática da animação. A afirmação mais radical é esta: Deus ultrapassa-nos sempre no amor, e particularmente no acto pelo qual criou um novo ser humano.

(46) "Eis aí um dado adquirido da genética, da imunologia, da biologia contemporânea: na fecundação aparece uma unidade absolutamente irredutível aos outros aos outros, constituída geneticamente desde a concepção, capaz de desencadear reacções de defesa imunitárias, de viver um desenvolvimento embrionário autónomo e de assegurar a sua regulação fisiológica" (J.-M. HENNAUX, *Le droit de l homme…,* p. 21).

(47) Pensamos nos importantes trabalhos efectuados por Ph. CASPAR para fundamentar a tese sobre "*A individuação dos seres: Aristóteles, Leibnitz e imonulogia contemporânea,* Paris-Namour, Lethielleux/Le Sycomore, 1985; ID., *Penser l embryon,* Paris, Ed. Universitaires, 1991.

(48) "As condições específicas do reconhecimento duma pessoa são dadas desde a concepção, mas este reconhecimento não poderá ter lugar se faltar a atitude de acolhimento, de **submissão, de respeito,** evocada mais acima, e que devemos ter em consideração em face de toda a pessoa humana. "A priori" pode-se dizer que se há num embrião humano uma pessoa, ela só se poderá revelar como tal ao que está pronto a acolhê-la. Se esta atitude de acolhimento está presente, o embrião poderá revelar-se. No que

concerne ao futuro, está fora de questão que se eu a deixo "ser", manifestar-se-á como uma pessoa. Mas este futuro está ligado ao presente. A prova é que se eu suprimo o embrião, este futuro não existirá. Respeitar esta pessoa no futuro não é mais do que respeitá-la agora" (J.-M. HENNAUX, *Le droit de l homme…**21).***

(49) R. HABACHI, *Commencements de la créature,* Paris, Centurion, 1965, p. 37.

(50) A. CHAPELLE, *Sexualité et sainteté,* Bruxelles, IET, 1997, p. 262.

(51) "Não existe uma convergência singular entre a tradição cultural ocidental e a tradição cristã. Uma e outra, com efeito, vêem na alma, princípio espiritual da imortalidade, a fonte desta dignidade. O cristianismo acrescenta que, não somente todo o ser é criado à imagem de Deus, mas que se acha chamado por Deus a entrar num regime salvífico de aliança. Não nos repugna crer que esta aliança é estabelecida entre Deus e cada um dos embriões humanos. Jean-Marie Thévoz não estaria longe de o admitir quando escreveu: "O ser humano recebe a sua dignidade a partir do momento em que é reconhecido por Deus e/ou para o homem, independentemente das suas qualidades, da sua idade". Para nós, o reconhecimento por Deus – na alma – basta para fundamentar a identificação humana e a dignidade intrínseca de cada ser humano. O reconhecimento pelos outros (pais, por exemplo) não fundamenta esta dignidade. A alma não deriva da sociedade e o seu destino ultrapassa o horizonte social. Este reconhecimento social está em segundo lugar, embora muito importante. É factor de personalização (construção de personalidade), mas não "personificação" (constituição da pessoa como tal (cf. P. 220). "Se o meu pai e a minha mãe me abandonam, o Senhor me acolherá". Redigido numa outra perspectiva , o salmo 26 (versículo 10) acha aqui uma ressonância singular (J.-L. BRUGUÈS, *La fecondation artificielle…,* p. 239-240).

(52) "Aceitar um filho é ir para ale das histórias. Mas entrar na história. Para os casais como para os povos. Nada de filhos, nada de história, mas para a história. Com o filho é o futuro que irrompe. O futuro pode-se preparar, programar, construir. Mas o filho é um "a-venir", não se pode colocar uma barreira no seu futuro. Tem eu se aceitar o desconhecido que ele traz, a aventura que representa. Esta lei do filho que projecta os pais, e os filhos no futuro, o desconhecido, a aventura, o tempo, a história, não é a lei da vida? Recusar o risco, o tempo, o futuro, é recusar a vida. Aceitá-los, é muito simplesmente uma exigência humana, uma questão de vida ou de morte" (J. JULLIEN, *Demain la famille, **Paris, 1992, p. 96.***

(53) É neste sentido que se pode dizer com o Professor J. Lejeune que o embrião é "um sinal de contradição***"*** ou então identificá-lo com a "pedra rejeitada pelos construtores" (Salmo 117, 22). Como Cristo diz (G. NOIA) tornou-se pedra angular. "Pedra angular" do nosso agir quotidiano, da consciência da humanidade que afina e fortifica.

(54) J.-M. HENNAUX, *Le droit de l homme à l avie…* p. 35.

(55) CONGREGATION POUR LA DOCTRTINE DE LA FOI, *Donum vitae, I.*

(56) A "Halakhah" é um ramo da literatura rabínica que trata das obrigações religiosas a que estão submetidos os Judeus nas suas r5elações com Deus e com o próximo. Mais particularmente um "halakhah" significa uma decisão rabínica transmitida pelas autoridades religiosas, uma opinião autorizada concernente à observância duma prescrição da Thorah. O princípio do respeito absoluto do ser humano desde o primeiro instante da sua vida não é um costume: é um sinal moral para fazer o bem. Permite-nos agir. Não manifesta necessariamente todos os argumentos que o justifica, mesmo que pressuponha uma investigação ou uma teologia adequada.

Tradução de Amândio Fernandes